

Casa Palavra

coletânea de contos

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2022

rua capeiras, 66.

GÊ MARTINS

Um muro baixo de balaústres delimitava a gente dos outros. O portãozinho de ferro branco enferrujado vivia escancarado, qualquer um entrava no pequeno jardim, e o acesso às janelas da sala e do quarto da frente era livre. A mãe regia a casa toda e ela nunca estava em casa. A parede da garagem sofria com as marcas de patas dos cachorros e o carro trazia no capô um rastro de unhas. Toda noite a pequena matilha subia em cima do kadett cinza que ela dirigia. A gente permitia aquilo, deixava as unhas e o tempo fazerem seu registro. A gente era assim, de fácil acesso, de poucos cuidados; a gente era também a vergonha da rua.

Eu via o mato da calçada crescer pelas rachaduras do concreto sem que ninguém pedisse. Ninguém cortava. Nos meus cinco anos, a mãe abriu um mercadinho na comunidade vizinha. Era o ganha pão da gente. Os dias consistiam em ir cedo trabalhar com a mãe no bairro pobre. De lá, ia à escola e só voltava para casa quando a noite já dominava o céu. A casa passava bastante tempo sozinha, habitada apenas pelos

cachorros. Eram três quartos, uma sala grande e uma cozinha tão ampla que a gente colocou nela um sofá de três lugares para se debruçar na volta de um dia cansado. A dispensa vivia cheia de bolachas, miojos, sopas de pacote e nescau de morango. A gente se virava no fogão enquanto a mãe surgia tomada banho, blush e salto alto para a noitada.

O Raul tinha exatamente dez anos e meio a mais que eu. Entre mim e meu irmão do meio, o Sandro, havia cinco anos, tapas, beliscões e puxões de cabelo. Eu não aceitava as provocações daquele que considerava meu inimigo. Ele só sabia fazer troça, pisava em minhas bonecas e arrancava as cabeças delas ditatorialmente. Quando estava longe das vistas da minha mãe, dava um jeito de me estapear, um tapa não muito ardido, assim ninguém ouvia. Ele também me chutava, pisava no meu dedinho, me trancava dentro do armário e saía correndo, carregando a alma do diabo. Eu não era bem vista em casa quando me defendia. A mãe queria uma menina delicada, de cintura fina e gestos elegantes. Ensinava como me portar diante de uma câmera e eu nem sabia o que era uma. Uma vez, me flagrou chamando meu irmão para brigar e não suportou. Machorra. Ganhei os socos do meu irmão e os tapas dela, esses sim bem ardidos. O único que nunca me bateu foi Raul. Mas eu me doía por ele, por outras coisas. O primogênito fazia o tempo de uma vida inteira se resumir a minutos. O Raul estava sempre pra rua com a turma de amigos, dirigindo sem carta ou bêbado em seu quarto improvisado. Quando podia, me protegia do Sandro.

Um domingo quis me levar para a praia. Roubou o kadett e me levou, eu com quatro anos só de biquíni no banco traseiro, e

o Sandro, quase nove, no banco da frente, com os óculos escuros da mãe engolindo as bochechas. O Raul tirou do bolso uma fita cassete e botou uma música alta de doer os ouvidos e o Sandro virava para trás e fazia careta, se sentia um rei. Então, a cada gracinha, eu estapeava ele na cabeça e ele se balançava fingindo não sentir nada e tentando seguir o ritmo da música. Até que o kadett beijou a traseira de uma saveiro branca. O Sandro enfiou a testa no vidro e ficou com um galo enorme e muito vermelho. O meu dente de leite estava molinho e eu nunca mais o vi depois do impacto. Eu chorava e o Raul dava ré para escapar do dono da saveiro. Só fomos reparar nos óculos quebrados da mãe quando os cachorros já davam volta e mijavam no pneu do Kadett na garagem. A mãe enfiou o chinelo em todo mundo. Dona Rosa, nossa vizinha, espiou por cima do muro e perguntou se estava tudo bem, e a mãe ficou ainda mais fula.

A gente não diz, mas foi a batida que matou a mãe. Depois do chinelo e da gritaria, o Raul sumiu para nunca mais. Abraçou a mim e ao Sandro e saiu com mochila nas costas. O Sandro colocou a culpa no meu dente, claro, e me pegou de tapas no corredor da casa, enquanto eu o puxava pelo cabelo até o espelho do corredor e amassava o galo dele no reflexo. Ele saiu chorando, uma raridade. A gente passou a se pegar muito mais depois da partida do Raul, tudo escondido da mãe. Um dia, no depósito do mercadinho, ele bateu minha cabeça nas sacas de arroz empilhadas e eu revidei até que os dois caíram tontos no chão.

De vez em quando, eu desobedecia a mãe e ia escondida na minha cecizinha azul na rua de trás. A mãe não queria que eu

saísse da nossa rua e eu tinha para mim que era por causa do Raul. Quer dizer, se eu fosse fugir da mãe, não tinha melhor lugar. Para falar a verdade, eu não entendia por que a rua de trás era tão perigosa. Lá, tinha os mesmos tipos de casas e de gente. Os cachorros vira-latas se mesclavam com pastores-alemães e poodles. A única diferença era um dálmata que morava em uma casinha verde; a gente não tem um dálmata na nossa rua.

O mato cresceu mais e tomou conta do jardim de casa como nunca. E, não sei por quê, mas os cachorros estavam mais bravos que de costume. A mãe não acordava mais às sete da manhã, tinha dia que nem levantava. Seus saltos agora moravam permanentemente aprisionados na sapateira e as portas do mercadinho passavam muito mais tempo abaixadas. O Sandro fazia de tudo para ela sorrir. Algum tempo depois da partida do Raul, ele abandonou as brincadeiras com os amigos. O Sandro agora era um menino magrelo desengonçado, que vivia entre a cozinha, o quarto da mãe e a escola. Ainda brigava comigo, encarnava em mim na hora do banho, exigia meu quarto ajeitado e a lição de casa em dia. Em uma conversa séria, pediu para eu ficar responsável por varrer a casa e colocar as roupas na máquina de lavar. Agia como um adulto. Eu não sei por quê, mas fiquei triste com aquela conversa.

A mãe passou a não comer nada e a não tomar banho, o que era muito estranho, porque uma vez ela me disse que o rato rói a gente nas partes se a gente dorme sujo. Eu tinha uns cinco anos e não lembro bem como tudo aconteceu, sabe?

Teve um dia que entrei no quarto para levar água, mas a mãe não estava lá. Quer dizer, eu a vi, mas ela não estava. Tentei até chamar pelo seu nome para ver se ela aparecia, mas minha ideia não deu certo. Chamei o Sandro para ver se resolvia, mas ele viu a mãe, deu um tapa na minha cabeça e saiu correndo. Eu sentei no chão e chorei baixinho.

Mais tarde, a Dona Rosa apareceu e me levou para assistir televisão em sua casa, me deu pipoca e coca-cola e ligou no desenho animado. Eu não sei se o Sandro ficou sabendo que tinha pipoca, mas em pouco tempo ele também foi pra casa da Dona Rosa, onde dormimos. Ela acordou a gente com café da manhã e depois levou os dois para tomar banho em casa. Eu passei no quarto da mãe, ela não estava mais lá. A Dona Rosa colocou um vestido preto em mim, eu não gostava dele e reclamei, mas ela disse que eu ganharia mais pipoca e coca-cola se me comportasse. Dei a mão pra Dona Rosa e ela me levou até a rua de trás, com o Sandro muito emburrado a três passos da gente. Eu achei muito estranho uma velha fazer traquinagem, ela nem demonstrava medo de andar fora da nossa rua. A Dona Rosa parou em frente à casa verde. Aqui tem um cachorro branco de bolinhas pretas, sabia, Dona Rosa? Ela não ouviu e me puxou para dentro da sala da casa. Lá dentro, vi uma caixa de madeira bem grande e senti um cheiro forte de flores, mas eu não conseguia enxergar o que tinha dentro. Ao lado estava o Raul. Ah, então era aqui que ele se escondia.

a loba.

NATÁLIA GALLO RITZMANN

Na cama de cabeceira de madeira entalhada, eu me deitava sobre os travesseiros perfumados da mistura de priprioca, cumaru, catinga-de-mulata e patchouli, e escutava as histórias da minha avó. Antes do pai-nosso, sempre antes do pai-nosso, a voz calma e mão macia afagando minha cabeça bordavam contos de fada e lendas locais em um enxoval de sono e sonho. A minha história favorita era assinada por ela: uma loba branca que precisava proteger seus filhotes nas planícies geladas de algum mundo imaginário. Não consigo recordar, por mais que me esforce, qual ameaça a loba enfrentava. Longe daquele calor verde faz tanto tempo, só restou a loba branca, sozinha no meio da neve, cuidando de sua cria.

O querer lembrar a história da loba é constante e me morde a jugular com presas de tártaro e saudades. Juro que até sinto a respiração da fera: tem cheiro de ervas, sangue e é quente feito Belém. Recito o endereço feito feitiço, rua-municipalidade-treze-vinte-e-seis, e volto para aquela casa onde o jambeiro floria e cobria de rosa o chão pelo qual a loba

andava, tão à vontade naquele quintal amazônico quanto em uma tundra distante.

Lá, entre mangueiras e bicos-de-papagaio, havia uma moita oca. Foi a loba quem me mostrou a abertura, e um dia botei a casa inteira louca porque dormi dentro dela e não percebi que gritavam meu nome. Acharam que alguém havia pulado o muro e me roubado e não expliquei que o real perigo estava na palmeira de raiz bifurcada, porta secreta para o mundo das fadas do qual não se podia voltar.

Por lembrar de tanta coisa que ficou naquela casa e quintal, demolidos para virar prédio, a loba me espreita de longe: por que não lembro o que acontecia com ela? Até tento me justificar, eu era uma criança, até ela se esquece das coisas e, afinal, não sabe que o maior ilusionista é o tempo? Descobrimos que o grande era pequeno, e que vasto mesmo são os momentos mais simples, que se repetem tanto e ainda assim desbotam antes de entendermos que é aquela cor que queremos para tingir de rosa a tristeza.

Já tentei perguntar para a dona da história, mas o conto se perdeu na memória embotada pela senilidade e não acha caminho pelas pontes quebradas das sinapses. E mesmo entre devaneios confusos, depressão e ira, trocas de tantas palavras, ainda há algo daquela mulher que enfrentou tantas coisas para viver do modo como quis. Criança, achava que ela era meio pirata, meio bruxa. Seu guarda-roupa era entupido de tesouros e o banheiro, repleto de garrafas com perfume velho. Era o seu quarto de poções. Adulta, não encontro palavra completa o bastante para descrevê-la.

Como moeda de troca pelo conto perdido, ofereço para a loba a história de quem ela é: falo da mulher que fez parte da turma que formou as primeiras médicas do Pará, e que se casou aos trinta com um homem mais novo — ex-aluno seu. Se mudaram para o Acre pois o marido precisava cuidar dos negócios da família e, lá, ela viveu até não aguentar a monotonia da sua não-terra. Voltou sem ele e o casamento se manteria até a descoberta de uma outra mulher. Ela preferiu o divórcio. Suportou até mesmo o silêncio acusador da própria mãe. Era a desviada que abriu as portas para todas as coisas consideradas desviadas. E se hoje seu nome estampa uma ala na Santa Casa de Belém, acredito que seja graças a essa retidão torta.

A loba escuta, sem tirar os olhos castanhos de mim, enquanto minhas mãos afagam os seus fios brancos. Hoje, quando ela responde alguma provocação com destreza e pensamento afiado, minha tia ri e diz que o tigre perde os dentes, mas não perde as listras. Discordo! A loba nunca teve listras, e seus dentes seguem marcando minha carne.



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Adobe Garamond
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em outubro de 2022.
